

O MÉDICO A FORÇA

Molière

PRIMEIRO ATO

Trecho de uma floresta. Ao fundo, à direita, uma cabana. Sganarello e Martinha (discutindo)

SGANARELO — Basta, basta mulher. Já disse que quem manda aqui sou eu e está acabado.

MARTINHA — Pois eu digo que há de viver direito, porque não cases contigo para aturar-te a pouca vergonha.

SGANARELO — Oh, como é duro um sujeito ser casado. Razão tinha Aristóteles quando dizia que a mulher é pior que Satanás.

MARTINHA — Lá vem ele com seu Aristóteles. És muito sabido mesmo.

SGANARELO — Sabido sim. Vê lá se encontras um outro rachador de lenha feito eu que entende um pouco de tudo. Precisas não esquecer que fui durante seis anos, criado de um grande médico e aprendi muita coisa boa.

MARTINHA — Peste Bubônica.

SGANARELO — Peste de cascavel.

MARTINHA — Maldita hora em que caí na asneira de casar contigo.

SGANARELO — Maldito o escrivão que me fez assinar a minha desgraça.

MARTINHA — Não tens motivo nenhum para falar assim. Não tens razão de queixa. Poucas mulheres no mundo se sujeitam ao que eu me sujeito. Deves é ter orgulho da mulher que tens.

SGANARELO — Orgulho? A minha desgraça começou logo na primeira noite do nosso casamento. É bom parar por aqui. Não me faças falar sobre a nossa primeira noite, porque senão teria de dizer certas coisinhas...

MARTINHA — Dizia o quê?

SGANARELO — Olha: põe ponto final neste capítulo que ele não é lá muito agradável para mim... Basta-nos saber o que sabemos, e que foste muito feliz em me encontrar e eu tolo em ficar calado.

MARTINHA — Ah. Fui muito feliz em te encontrar... Um homem que me põe doente, um debochado, um explorador, que come tudo quanto tenho.

SGANARELO — Como coisa nenhuma. Bebo.

MARTINHA — Um esbanjador, que vende peça por peça, tudo quanto possuímos.

SGANARELO — Isto é o que se chama viver do que temos...

MARTINHA — Até a cama que eu tinha ele vendeu.

SGANARELO — Só assim te levantas mais cedo.

MARTINHA — Mas, desse jeito, não sobrará nem uma cadeira em casa.

SGANARELO — Ai é que está a grande vantagem; quando tivermos de trocar de pouso, a mudança já estará feita.

MARTINHA — Desde a manhã até a noite, já sabe: jogar e beber.

SGANARELO — É para não me aborrecer.

MARTINHA — É o que eu faço com as crianças?

SGANARELO — O que der na telha.

MARTINHA — O que é que eu faço com um monte de filhos pequenos nos braços?

SGANARELO — Ora, bote-os no chão.

MARTINHA — Que farei com quatro inocentes, que vivem a me pedir pão?

SGANARELO — É muito inocente para pouco pão.

MARTINHA — É tu achas, bêbado inveterado, que isso vai continuar assim?

SGANARELO — Calma mulher, calma.

MARTINHA — Pensas que eu vou sofrer eternamente as tuas insolências e os teus deboches?

SGANARELO — Pois não sofre.

MARTINHA — Fica sabendo que hei de atazanar-te até que entres nos eixos.

SGANARELO — Minha cara esposa, a senhora sabe que não sou lá muito paciente e que meu braço é braço mesmo.

MARTINHA — Tuas ameaças só me fazem rir.

SGANARELO — Mulherzinha querida, a senhora não me faça desperdiçar as forças, pois ainda tenho de rachar lenha.

MARTINHA — Pensa que me mete medo?

SGANARELO — Minha cara metade, a senhora está é com vontade de apanhar.

MARTINHA — Tuas palavras não me assustam.

SGANARELO — Doce objeto dos meus amores, quer uma fricçãozinha?

MARTINHA — Bêbado à toa.

SGANARELO — Olha que eu perco a paciência.

MARTINHA — Barril de vinho.
SCANARELO — Olha que eu te amasso.

MARTINHA — Infame.
SCANARELO — Olha que eu te arrebento.

MARTINHA — Tratante, bandido, covarde, relaxado, vadio, miserável sem vergonha, sujo, ladrão.

SCANARELO — Ah. Estás querendo mesmo, não é? Lá vai lenha (pega a vara e bate-lhe).

MARTINHA — Ai, ai, ai.
SCANARELO — Só assim, ficará sossegada.

Entra Roberto

ROBERTO — Mas o que é isto? Que escândalo. Que brutalidade. O senhor, então, não se vexa de bater numa pobrezinha mulher?

MARTINHA — É, o que é que o senhor tem com isso, sr. Roberto? É se eu quiser que ele me bata, hem? Bate no que é dele e acabou-se...

ROBERTO — Nesse caso, não está aqui quem falou. Bata-lhe à vontade, Sr. Sga.

MARTINHA — Era no senhor que ele estava batendo? Não era, pois não? Então meta-se com a sua vida e deixe a dos outros.

ROBERTO — Está bem.
MARTINHA — Vejam lá o intrometido? Querer impedir a um homem de bater na sua mulher, no que é dele. Onde é que já se viu isso?

ROBERTO — Dou o dito por não dito.

MARTINHA — Que tem com a vida alheia?

ROBERTO — Nada.

MARTINHA — Quem autorizou a meter o nariz onde não é chamado?

ROBERTO — Ninguém.

MARTINHA — Então, trate da sua vida, que já não fará pouco.

ROBERTO — Não voltarei a socorrê-la.

MARTINHA — Não preciso do socorro de ninguém. Gosto que meu maridinho me bata e... acabou-se.

ROBERTO — Está certo.

MARTINHA — Não o chamamos aqui.

ROBERTO — É verdade.

MARTINHA — Não lhe devemos nada.

ROBERTO — Também é verdade.

MARTINHA — Mas será possível que o senhor concorde com tudo o que digo?

ROBERTO — Concordo...

MARTINHA — Pois eu não gosto que concordem comigo, ouviu? É, por isso, tome lá. (dá-lhe uma bofetada)

SCANARELO — Tiraste a forra, hein, Martinha?

ROBERTO — A surra foi pequena, compadre. Dê-lhe mais um bofetadinho. Meta-lhe a lenha de verdade. Vamos. Eu o ajudarei, se quiser.

SCANARELO — Agora... Não tenho vontade.

ROBERTO — Mas ela merece...

SCANARELO — Quem sabe se ela merece ou não, sou eu, entendeu?

ROBERTO — Perfeitamente.

SCANARELO — Ela é minha mulher ao que eu saiba...

ROBERTO — É

SCANARELO — Que? É sua também?

ROBERTO — Não. Eu quero dizer que é sua...

SCANARELO — E fique sabendo que não tem nada que mandar em mim.

ROBERTO — De acordo.

SCANARELO — E, de outra vez, não se meta nas atrapalhadas dos outros. Cícero, o grande Cícero, já dizia: "Entre irmãos não metas as mãos". Por isso, tome (Bate em Roberto e empurra-o para fora). (Os dois riem). Agora, minha santa, vamos fazer as pazes. Vem cá.

MARTINHA — Pois sim, depois de me haver batido como um brutamontes.

SCANARELO — Não foi nada. Anda, vem cá.

MARTINHA — Não quero.

SCANARELO — Vem abraçar-me.

MARTINHA — Não.

SCANARELO — Não faças piegas.

MARTINHA — Já disse que não.

SCANARELO — Não fiques assim, não. Tu sabes que, no final de contas, gosto de ti... Vem...

MARTINHA — Não, não e não.

SCANARELO — Não tens razão de estar rangada. O que passou, passou... Vida nova...

MARTINHA — És um estúpido.

SCANARELO — Aquilo não foi nada, umas pancadinhas sem importância, um abraço de pazes vamos.

MARTINHA — Deixa-me.

SCANARELO — (com violência segurando-a) Abraça-me, já falei.

MARTINHA — Ah. Estúpido. Machucaste-me.

SCANARELO — Machucou-te? (noutro tom). Perdão, sim? Perdão...

MARTINHA — Vá lá, por esta vez, perdoo-te. (*À parte*). Há de me pagar...

SQANARELO — És uma tola em ligares ao que aconteceu. Então, não sabes que nada como uns trompaços entre duas pessoas que se querem para aumentar o amor?... E, agora, deixa-me ir rachar lenha; verás como, hoje, ficam mais de cem feixes prontos. (*Sai*).

MARTINHA — Fingi que perdoava mas não estou disposta a esquecer, e não descansarei enquanto não encontrar um jeito de te fazer pagar as pauladas que me deste. Sei muito bem que, para uma mulher, nada mais fácil vingar-se do marido, mas seria um castigo muito delicado para aquele tirano do meu marido, quero uma vingança um pouco mais forte, e ainda há-de ser pouco para pagar a desfeita que sofri.

Entram Valério e Lucas

LUCAS — É o diabo. Meteram-nos numa camisa de onze varas. Já andamos umas duas léguas bem contadas e nada. Verás como voltaremos para casa sem dar conta do recado.

VALÉRIO — Que queres, meu pobre Lucas? Temos que fazer o que o patrão mandou e, se não fosse por isso, seria pelo interesse que temos pela saúde da filha, que é também nossa patroa. Verás como o casamento dela, adiado agora por causa da doença, sempre há de nos valer alguma coisa. Olha que o Horácio é generoso e é ele quem acabará casando com a D. Lucinda.

LUCAS — Se o Leandro não atrapalhar tudo...

VALÉRIO — É verdade que ela gosta do Leandro, mas o pai não o

quer para genro de maneira alguma.

MARTINHA — Preciso encontrar um jeito de me vingar.

LUCAS — Mas afinal de contas, que raio de doença terá a patroazinha? Não há um médico que lhe dê volta. Será possível?

VALÉRIO — Há de apatecer um que cure D. Lucinda. Eu não me canso de procurá-lo. Nem tudo se obtém à primeira investida. É preciso persistência. E, muitas vezes, de onde menos se espera...

MARTINHA — (*resparecendo*) Ah. Não posso passar sem vingar-me. Aquelas cacetadas, tenho-as atravessadas na garganta. (*dando com os dois*). Desculpem, senhores, não os tinha visto estava aqui matutando, à procura de uma solução para os meus abortecimentos.

VALÉRIO — Todos nós temos as nossas preocupações. Nós mesmos andamos por aqui à procura de que não encontramos...

MARTINHA — Se é alguma coisa em que lhes possa ser útil...

VALÉRIO — Quem sabe? Andamos à procura de algum homem entendido, algum médico particular, que possa dar alívio à filha do nosso patrão. A pobrezinha está atacada duma doença; perdeu a fala de repente. Já teve à sua cabeceira muitos médicos, mas de nada serviram. Mas, como às vezes sucede que há pessoas que têm segredos especiais, remédios particulares, que fazem o que os outros não souberam fazer... Atrás de uma pessoa assim é que nós andamos.

MARTINHA — (*à parte*) Ah. Que o céu me inspire um modo de vingar-me daquele meu tratante. (*alto*) Senhores, por muito que procuras-

sem, não poderiam nunca bater à melhor porta para achar o que procuram. Temos aqui mesmo o maior homem do mundo para doenças incuráveis.

VALÉRIO — Graças. E onde poderemos encontrá-lo?

MARTINHA — Agora mesmo poderão encontrá-lo naquele matagal fechado, divertindo-se a rachar lenha.

LUCAS — Um doutor a rachar lenha?

VALÉRIO — A senhora quer dizer que ele se entretém à procura de ervas medicinais não é assim?

MARTINHA — Não senhor. A rachar lenha, mesmo. É um homem muito esquisito. Os senhores nunca o tomariam pelo que de fato é. Ainda vestido de maneira extravagante; às vezes finge ser ignorante mas, na verdade, guarda a sua ciência inclusa. Evita o quanto pode exercer os maravilhosos dons, que herdou do Céu, para a Medicina.

VALÉRIO — Todos os grandes homens são assim mesmo. Têm manias, caprichos...

MARTINHA — Mas nenhum tem a mania que ele tem. Às vezes, é preciso dar-lhe uma surra para convencê-lo de que é médico. Desde já os aviso: se ele hoje estiver de lua, os senhores precisam pegar num pau e dar-lhe pancada até que confesse o seu saber: assim é que nós fazemos quando precisamos dele.

VALÉRIO — Mas que mania mais esquisita.

MARTINHA — Se é esquisita. Mas, depois, verás como ele faz milagres.

VALÉRIO — Como se chama ele?

MARTINHA — Chama-se Sganarello. É fácil conhecê-lo. É um homem

com cara de tolo, e veste jaqueta amarela e verde. . .

LUCAS — Jaqueta amarela e verde? Então, é médico de papagaíto?

VALÉRIO — Mas será verdade que ele seja tão entendido como diz a senhora?

MARTINHA — Se é entendido? Paz milagres. Há seis meses, uma mulher ficou desenganada pelos médicos. Já havia seis horas que a supunham morta e estavam para enterrá-la, quando lhe levaram à força o homem de quem lhes falei. Pois bem! quando a viu, despejou-lhe pela boca abaixo uma gota de não sei o quê e a mulherzinha, no mesmo instante, levantou-se da cama e começou a andar pelo quarto como se nada tivesse acontecido.

LUCAS — Ah!

VALÉRIO — Então, deve ter sido alguma gota de ouro potável.

MARTINHA — É bem possível. Não faz três semanas, um menininho de doze anos caiu do alto da torre da igreja e esmagalhou os braços, as pernas e a cabeça. Sganarelo não se impressionou. Bezuntou o garoto todo com uma graça que só ele sabe fazer e o garoto saiu da cama pulando como um diabinho.

LUCAS — Ah!

VALÉRIO — Esse médico possui a medicina universal.

MARTINHA — Ninguém duvida.

LUCAS — Esse é o homem que nós procuramos.

VALÉRIO — Nós lhe ficamos muito agradecidos.

MARTINHA — Não há de que. O que lhes recomendo é que não se esqueçam do aviso que lhes dei. Mugiu, não tugi, pau nele. *(Sai, entrando na casa).*

LUCAS — Quanto a isso, a senhora deixe por nossa conta. Ele vai medicar nossa patroazinha nem que seja rachado.

VALÉRIO — Que sorte a de encontrar essa mulher, hein Lucas? Ela me deu uma grande esperança.

SGANARELO — *(cantando, fora de cena)* La... la... la...

LUCAS — Estou ouvindo alguém cantar.

SGANARELO — *(entrando com uma garrafa na mão, sem ver Valério e Lucas)* La... la... la... Ah! Já trabalhei bastante para tomar um traguinho. Respiremos um pouco. *(Depois de beber)* Ah! Isto dá vida.

(canta). Garrafa, minha querida.

Garrafa, minha querida

Como teu vinho é gostoso

Com teu glu glu que dá vida

Eu me sinto vaporoso.

Se sempre cheia, entretanto,

Mais contente me porias. . .

Garrafa do meu encanto,

Por que cedo te esvazias?

Diabos levem a tristeza.

LUCAS — *(baixo a Valério)* Deve ser esse o tal sujeito.

VALÉRIO — É ele mesmo. Não devemos perdê-lo de vista.

LUCAS — Vamos ver mais de perto.

SGANARELO — *(abraçando a garrafa)* Ah! marota, marota. Como te quero minha garralhinha. *(canta)*. Vendo Valério e Lucas que olham para ele, vai amortecendo a voz. Ao ver que o examinam mais de perto) Porque diabo estão esses dois aí a olhar para mim?

LUCAS — Deve ser ele.

VALÉRIO — É, deve ser. *(Sganarelo põe a garrafa no chão, mas muda-a de lugar quando vê Valério)*

inclinando-se para cumprimentá-lo, julgando que este vai apanhá-la. Lucas faz o mesmo que Valério fez, mas já do lado em que está a garrafa. Então Sganarelo põe a garrafa de encontro ao peito com diversos gestos que podem constituir um jogo cênico engraçadíssimo).

SGANARELO — Eles estão me olhando e cochichando. . . Que é que os senhores querem, afinal de contas?

VALÉRIO — O senhor é que se chama Sganarelo, não é verdade?

SGANARELO — Como é?

VALÉRIO — Pergunto se o senhor é que se chama Sganarelo?

SGANARELO — Sim e não, dependendo do que os senhores querem com ele.

VALÉRIO — Queremos apenas dizer-lhe o quanto estimamos vê-lo.

SGANARELO — Neste caso, eu me chamo Sganarelo.

VALÉRIO — Senhor, estamos contentes por encontrá-lo. Mandaremos à sua procura para o que precisarmos e vimos suplicar-lhe que nos auxilie. . .

SGANARELO — Se é coisa que dependa do meu negociozinho, estou pronto a servi-los.

VALÉRIO — É grande obséquio que nos fará *(outro tom)*. Mas faça favor, ponha o seu chapéu! O sol pode fazer-lhe mal.

LUCAS — É isso mesmo. O sol está de rachar, ponha o seu chapéu.

SGANARELO — *(à parte)* Que gente de cerimônias *(põe o chapéu)*!

VALÉRIO — Senhor, não estranhe vimos à sua presença; as pessoas famosas são sempre procuradas e conhecemos a sua capacidade.

SGANARELO — Ah! para fazer um bom feixe de lenha, não encontrarão outro como eu.

VALÉRIO — Senhor.

SGANARELO — A mercadoria é boa.

VALÉRIO — Senhor, não se trata disso.

SGANARELO — Ah. Não posso vendê-los por menos um vintém cada um. Não é possível.

VALÉRIO — Não falemos disso, faça favor.

SGANARELO — Não abaixe o meu preço.

VALÉRIO — Senhor, nós sabemos de tudo.

SGANARELO — Se sabem de tudo, sabem que não vendo meus feixes por menos.

VALÉRIO — O senhor está caçoando.

SGANARELO — Não estou, não.

VALÉRIO — Falemos de outra coisa, por favor...

SGANARELO — O senhor pode achá-los mais baratos em outra parte. Há feixes e feixes, e os que eu faço...

VALÉRIO — Não interessa nada disso.

SGANARELO — Como não interessa?

VALÉRIO — Será possível que um homem como o senhor se divirta com tão grosseiras brincadeiras, rebatendo-se a falar assim? Por que será que um homem inteligente, culto, um médico famoso como o senhor procura ocultar aos olhos do mundo o seu grande talento?

SGANARELO — (À parte) É maluco.

VALÉRIO — Por favor, não dissimule...

SGANARELO — Como?

LUCAS — Nós não somos tolos. Sabemos quem é o senhor.

SGANARELO — Por quem me tomas os senhores?

VALÉRIO — Pelo que é: Dr. Sganarelo, um grande médico.

SGANARELO — Médico (rindo). Uma balela. Não sou e nunca fui.

VALÉRIO — (a Lucas) Lá vem a mania. (alto) Nós lhe pedimos encarecidamente que não negue por mais tempo a sua verdadeira identidade. Se não, seremos forçados a chegar a extremos desagradáveis.

SGANARELO — Chegar a que?

VALÉRIO — Chegar a certas coisas que teríamos muito a lamentar.

SGANARELO — Cheguem lá ao que quiserem. Não sou médico, nem sei o que querem dizer.

VALÉRIO — (a Lucas) Só mesmo com aquele processo, (alto) Pela última vez, peço-lhe, senhor: confesse o que de fato é.

LUCAS — Sabem do que mais? Isto está muito demorado. Vamos. Diga logo que é doutor.

SGANARELO — (À parte) Burros!

VALÉRIO — De que lhe serve negar o que toda gente sabe?

LUCAS — Para que tanto fingimento? De que lhe serve?

SGANARELO — Senhores: uma palavra. Não sou médico.

VALÉRIO — Então, não é médico?

SGANARELO — Não.

LUCAS — Não cura?

SGANARELO — Mas, que diabo, já disse que não.

VALÉRIO — Pois o será, já que assim o quer (pega no pau e bate-lhe).

LUCAS — (faz o mesmo gesto que Valério) Pau nele.

SGANARELO — Mas o que é isto? Os senhores estão malucos? Ai, ai, ai. Está bom. Sou tudo o que quiserem.

VALÉRIO — Para que obrigar-nos a uma violência assim?

LUCAS — Poderia ter evitado tudo isso.

VALÉRIO — Afirmando-lhe que sinto muito o que acaba de acontecer.

LUCAS — Eu também estou com muita pena.

SGANARELO — Mas, afinal de contas, que vem a ser isto, senhores? E para rir ou estão doidos varridos e querem que eu seja médico à força?

VALÉRIO — Então o senhor continua a negar que é médico?

SGANARELO — Diabos me carreguem se sou.

LUCAS — Ainda embirra que não é doutor?

SGANARELO — Não. Raios que me partam (tornam a bater-lhe) Ai, ai, ai. Basta senhores. Basta. Não batam mais. Sou médico sim. Sou médico. Até boticário se quiserem. Prefiro ser médico a deixa que me amassem.

VALÉRIO — Até que enfim. Parece que desta vez o senhor recuperou a razão.

LUCAS — Agora sim, estou contente.

VALÉRIO — Desculpa-me, peço-lhe encarecidamente.

LUCAS — Também peço-lhe desculpas.

SGANARELO — (À parte) Será que sou médico mesmo e não tinha percebido?

VALÉRIO — Olhe que não há de se arrepender de nos ter dito o que é, e verá como vai ficar satisfeito.

SCANARELO — Ora senhores. Vamos falar seriamente: os senhores não estão enganados? Eu sou médico mesmo?

VALÉRIO — Perfeitamente.

SCANARELO — Pois está aí uma coisa que eu ignorava.

VALÉRIO — É o médico mais sábio do mundo!

SCANARELO — Ah!

LUCAS — Um médico que curou um horror de doenças.

SCANARELO — Ah!

VALÉRIO — Uma mulher tida por morta seis horas, que ia direitinho para a cova... Com uma gota de não sei que droga ressuscitou e começou a andar...

SCANARELO — Sacripanta!

LUCAS — Um menino de doze anos cai da torre, fica com a cabeça, os braços e as pernas quebradas. O senhor, então, gruda tudo com uma pomada e ele fica bom.

SCANARELO — Ah. Sim?

VALÉRIO — O senhor vai ficar satisfeito conosco. Ganhará o que quiser se nos deixar levá-lo onde pretendemos.

SCANARELO — Ganharei o que quiser?

VALÉRIO — O que quiser.

SCANARELO — Ah. É verdade. Sou médico mesmo. Tinha-me esquecido mas, agora, estou lembrado. Vamos ao caso. De que se trata? Aonde querem que eu vá?

VALÉRIO — Vamos levá-lo para ver uma moça que perdeu a fala.

SCANARELO — Não sou eu que vou achá-la.

VALÉRIO — (baixo a Lucas) Ele gosta de brincar. (alto) Vamos Doutor.

SCANARELO — Assim mesmo, sem roupa de médico?

VALÉRIO — Nós lhe arranjaremos uma.

SCANARELO — (dando sua garrafa a Valério) Segure. É nisso aí que guardo as minhas milagrosas poções medicinais. (Virando-se para Lucas, cospe no chão). Você aí, pise em cima. Ordem do médico.

LUCAS — Está aí um médico que me agrada. Acho que vai acertar.

Fim do primeiro ato

SEGUNDO ATO

Geronte, Valério, Lucas e Jacqueline

VALÉRIO — Sim, o senhor vai ficar satisfeito: trazemos-lhe o maior médico do mundo.

LUCAS — Nenhum outro lhe chega aos pés.

VALÉRIO — É um homem que tem feito curas maravilhosas.

LUCAS — Já curou até defuntos que já estavam mortos.

VALÉRIO — Ele é um pouco teimoso, como já lhe disse. Quando empaca, é difícil fazê-lo voltar atrás, e não parece o que na realidade é...

LUCAS — Lá isso é. É teimoso e gosta de bancar o bufão. As vezes, parece até maluco.

VALÉRIO — Mas é um poço de sabedoria e, frequentemente, diz coisas muito profundas.

LUCAS — Quando dá para falar, fala tão bem que parece estar lendo um livro.

VALÉRIO — A fama dele já correu por aí: toda gente vem procurá-lo...

GERONTE — Estou impaciente por vê-lo. Mandem-no buscar depressa.

VALÉRIO — Vou chamá-lo (sai).

JACQUELINE — Para mim, senhor, este há de ser como os outros. Todos são da mesma laia. A melhor receita para sua filha seria um bom e bonito rapagão, por quem tivesse amizade.

GERONTE — Sossiega, ama. Não metas o nariz onde não és chamada.

LUCAS — Cala a boca, Jacqueline. Não amofines o patrão.

JACQUELINE — Digo e repito que todos esses médicos de nada adiantarão. A sua filha não precisa nem de rufardo nem de sena, mas sim de um marido que é o emplastro que cura todas as moças na idade de casar...

GERONTE — Quem ia agora casar com ela doente desse jeito? Além disso, quando eu quiz casá-la, não se opôs ela à minha vontade?

JACQUELINE — Vejam só. Pois o senhor queria casá-la com um homem de quem ela não gosta. Por que não deixa que ela case com o Sr. Leandro, de quem ela gosta de verdade? Chame-o agora aqui e verá como ela será obediente e o senhor Leandro casará já, doente mesmo como ela está.

GERONTE — Esse Leandro não é o homem que convenha a Lucinda. Não tem a fortuna do outro.

JACQUELINE — Mas tem um tio que é podre de rico e do qual ele é o herdeiro.

GERONTE — Esse negócio de herança é uma coisa muito duvidosa. O mais seguro é o que se tem. Quando se conta com o que os outros nos reservam, fica-se muitas vezes a ver navios. Nem sempre a

morte faz a vontade aos herdeiros e se arrisca a morrer de fome o sujeito que, para viver, espera que algum parente venha a falecer.

JACQUELINE — Seja como for, sempre ouvi dizer que, no casamento, o coração contente dispensa bolsa recheada. Os pais e as mães é que tem o máldito costume de indagar: ele é rico? Ela é rica? Olhem o compadre Pedro, que casou a filha com o paquíderme do Tomaz, só porque ele tinha alguns alqueires de terra a mais do que o rapaz de quem ela de fato gostava. Resultou daí que ela amarelou que nem marmelo e perdeu o gosto de tudo o que existe neste mundo. Está aí um belo exemplo para o senhor. Deste mundo, só se leva o que se goza. Eu, por mim, antes queria dar a minha filha um homem de quem ela gostasse do que, todos os tesouros da terra.

GERONTE — Chega, ama, chega, já disse. É melhor que te cales. Tomas essas coisas muito a peito e acabas por estragar o leite.

LUCAS — (Batendo no ombro de Geronte a cada frase) Cala-te criatura. Não sejas impertinente. O pai não precisa dos teus conselhos. Ele sabe muito bem o que tem que fazer. Vai dar de mamar a quem tens que dar e deixa de bancar a "resolver tudo". O Senhor Geronte é pai da sua filha e é bastante bom e sjuizado para saber o que faz.

GERONTE — Calma, calma.
LUCAS — (Continua batendo no ombro de Geronte) É preciso ensinar-lhe a ter mais respeito, patrão.
GERONTE — (Tirando a mão de Lucas de seu ombro) Sim, Sim. É preciso ter mais respeito.

Entram Valério e Sganarelo

VALÉRIO — Senhor, prepare-se. Aqui está o homem.

GERONTE — (A Sganarelo) Meu caro senhor, muito folgo em vê-lo aqui em minha casa e agradeço desde já os bons serviços que o senhor me prestará.

SGANARELO — (Vestido num camisolão negro, comprido até os pés de mangas largas e com um chapéu pontudo, em forma de funil) Hipócrates diz que ponhamos o chapéu.

GERONTE — Hipócrates diz isto?

SGANARELO — Diz, sim senhor.

GERONTE — Em que capítulo, por favor?

SGANARELO — No capítulo... dos chapéus.

GERONTE — Já que Hipócrates manda, devemos obedecê-lo... (Todos apanham os seus chapéus e cobrem-se).

SGANARELO — Senhor doutor: como vim a saber das curas maravilhosas...

GERONTE — A quem está o senhor falando, por obséquio?

SGANARELO — Ao senhor.

GERONTE — Mas eu não sou médico.

SGANARELO — Não é médico?

GERONTE — Não, senhor.

SGANARELO — Está falando sério?

GERONTE — De certo que estou. (Sganarelo pega um pau e dá-lhe umas pauladas. Interuem Lucas e Valério) Ai, ai, ai!

SGANARELO — Agora o senhor já é médico. Foi assim que eu me diplomel.

GERONTE — (A Valério) Que diabo de homem é esse que trouxeste à minha casa?

VALÉRIO — Eu bem lhe disse que era um médico original.

GERONTE — Sim, mas não estou disposto a aturar suas originalidades.

LUCAS — Não faça caso senhor. É brincadeira dele.

GERONTE — Brincadeira muito sem gosto.

SGANARELO — Peço-lhe desculpas, senhor, da liberdade que tomei.

GERONTE — Está desculpado.

SGANARELO — Sinto muito...

GERONTE — Não foi nada.

SGANARELO — Aque'as pauladas...

GERONTE — Esqueça.

SGANARELO — Que tive a honra de dar-lhe...

GERONTE — Não falemos mais nisso. Imagine o senhor que tenho uma filha que foi acometida de uma estranha doença.

SGANARELO — Folgo imenso que sua filha esteja doente e necessitada de mim. Eu desejaría até que o senhor e toda a sua família também precisassem de mim para dar-lhes provas do desejo que tenho de servi-los.

GERONTE — Muito agradeço seus sentimentos.

SGANARELO — Afianço que lhe falo de todo o coração.

GERONTE — É muita honra que me faz.

SGANARELO — Como se chama sua filha?

GERONTE — Lucinda.

SGANARELO — Lucinda. Ah. Que belo nome para medicar. Lucinda.

GERONTE — Permita que vá ver o que ela está fazendo.

SGANARELO — Quem é aquele pedaço de mulher?

GERONTE — É a ama de leite de uma criança que tenho.

Geronte sai — Valério sai com Geronte.

SGANARELO — *(A parte)* Oh! La, la., que mulherão *(alto)* Oh! encantadora ama de leite. A minha medicina é a humilde escrava de vossa leiteria. Ah. Quem me dera ainda ser um nenem. Toda a minha ciência, toda a minha capacidade, todos os meus remédios estão a seu dispor c...

LUCAS — *(Interpondo-o)* Com sua licença, senhor doutor, largue a minha mulher, por favor.

SGANARELO — Como? Ela é sua mulher?

LUCAS — É.

SGANARELO — Ah. É verdade? Não sabia. Folgo bastante em saber que estão unidos um ao outro. *(Finge que vai beijar Lucas e beija a ama).*

LUCAS — *(Puxando Sganarelo, fica entre os dois)* Devagar, devagar.

SGANARELO — Felicito-a por ter um marido como o senhor e ao senhor por ter uma mulher tão bonita, tão honesta, tão pudica e tão bem feita *(Finge outra vez que vai beijar Lucas — Erte tenta apará-lo com os braços — Sganarelo passa então por baixo e beija a ama outra vez).*

LUCAS — *(Puxando Sganarelo outra vez e ficando outra vez entre os dois)* Muito obrigado. Mas basta de cerimônias.

SGANARELO — Então, não gosta que o felicite por uma união tão feliz?

LUCAS — A mim, o senhor pode felicitar quanto quiser, mas com a minha mulher...

SGANARELO — É que tomo parte igual na felicidade de ambos. A felicidade de cada um de vós é a minha felicidade: e se beijo o senhor para lhe testemunhar o meu prazer, devo beijá-la também para o meu prazer testemunhar *(tenta beijá-la outra vez, repetindo a mesma marcação que as duas vezes anteriores).*

LUCAS — *(puxando-o pela terceira vez)* Deixe lá os beijos, senhor doutor. Faça favor. *(Entra Geronte).*

GERONTE — Senhor, a minha filha já vem aí.

SGANARELO — Eu a espero com toda a minha medicina.

GERONTE — Onde está ela?

SGANARELO — Aqui dentro *(aponta a testa).*

GERONTE — Muito bem.

SGANARELO — *(chegando-se perto da ama)* Mas como me interessa por toda a família, é preciso que eu examine o leite de sua ama...

LUCAS — *(puxando-o e fazendo-o girar)* Não, não, não, doutor. Não é preciso.

SGANARELO — Cumpre nos médicos examinar o leite das amas.

LUCAS — Não cumpre nada.

SGANARELO — O senhor tem a ousadia de opor-se às prescrições de um médico? Saia daí.

LUCAS — Não sei, não.

SGANARELO — *(olhando-o de reués)* Ainda te adoço.

JACQUELINE — *(agarrando Lucas pelo braço e fazendo-o dar uma reviravolta)* Sai daí, Lucas. Então pensas que sou tão boba que não saiba defender-me se ele abusar de mim?

LUCAS — Não quero que ele te apalpe. Pronto!

SGANARELO — Que vergonha. Com ciúmes da mulher.

GERONTE — Ai está a minha filha. *(Entra Lucinda com Valério)*

SGANARELO — Então, esta é que é a doente? *(examinando-a).*

GERONTE — É ela mesma, doutor. Não tenho outra filha e muito sentiria se viesse a perdê-la.

SGANARELO — O senhor tem razão. Ela está proibida de morrer sem ordem do médico.

GERONTE — Uma cadeira. *(Sganarelo senta-se entre Geronte e Lucinda).*

SGANARELO — Aqui está uma doente melhor do que muita mulher sã e que agrada a qualquer homem *(Lucinda ri).*

GERONTE — Já a fez sorrir.

SGANARELO — Isso é bom: quando um médico faz vir o doente, não há melhor sinal. *(a Lucinda)* Então: de que é que se trata? Que tem? Que sente?

LUCINDA — *(Levando a mão à boca, à cabeça e por baixo do queixo, em trejeitos cómicos)* Han... hi... hon... han...

SGANARELO — Hei! Como é isso?

LUCINDA — *(continua com os gestos)* An, ip, an, nh, i, on...

SGANARELO — Como?

LUCINDA — Han, hi, hon.

SGANARELO — *(imitando a voz de Lucinda)* Han, hi, hon, hi, han.

Não estou entendendo nada. Que diabo de língua é essa?

GERONTE — Doutor, é esta a doença. Ficou muda sem que se saiba a causa e foi isso que atrazou o casamento. Aquele que deverá esposá-la está esperando sua cura para realizar a cerimônia.

SCANARELO — E quem é esse que não quer casar com uma mulher muda? Quem me dera que a minha o fosse. Não seria eu que a curaria.

GERONTE — O que quero, doutor, é apenas que o senhor dê um jeito na doença da minha filha.

SCANARELO — Ah, LA por isso, esteja sem cuidado. Diga-me uma coisa: essa doença oprime-a muito?

GERONTE — Sim, senhor.

SCANARELO — Tanto melhor. Ela sofre muito?

GERONTE — Enormemente.

SCANARELO — Muito bem. Ela vai... muitas vezes?

GERONTE — Vai.

SCANARELO — Copiosamente?

GERONTE — Disso não entendo.

SCANARELO — (a Lucinda) Dê-me o seu braço. (a Geronte) Aqui está um pulso que indica que sua filha está muda.

GERONTE — Isso mesmo doutor. É esse o seu mal. O senhor descobriu logo.

SCANARELO — Ah, Ah.

JACQUELINE — Vejam só como ele descobriu logo a doença.

SCANARELO — Nós, médicos famosos, não temos melos termos: logo damos com o mal. Um charlatão ficaria atropalhado e diria: É isto... é aquilo. Eu não. Vou logo direto no caso e digo-lhe que sua filha está muda.

GERONTE — Bem sei... Mas o que eu queria saber é de que provém essa mudez.

SCANARELO — Nada mais fácil. Provém de ter ela perdido o uso da fala.

GERONTE — Os nossos melhores autores lhe dirão que isso provém do impedimento da ação da língua.

GERONTE — Mas, que opina o senhor sobre esse impedimento da ação da língua?

SCANARELO — Mas, que opina o senhor sobre esse impedimento da ação da língua?

GERONTE — Mas, que opina o senhor sobre esse impedimento da ação da língua?

SCANARELO — Oh! Aristóteles, nesse ponto diz... coisas admiráveis.

GERONTE — Acredito.

SCANARELO — Ah! Que grande homem.

GERONTE — Sem dúvida.

SCANARELO — Grande homem, de fato... (levantando o braço desde o cotovelo) Maior do que eu, assim. Mas, voltando ao nosso raciocínio, opino que o impedimento da língua é causado por certos humores, que nós outros, sábios chamamos humores pecantes, isto é... humores pecantes, tanto mais que os vapores formados pelas exaltações das influências que se elevam na região das doenças vindo... por assim dizer... a... sabe latim?

GERONTE — Absolutamente.

SCANARELO — (tomando diversas atitudes engraçadas) *Cabrícias nrethuram, catalamus singulariter, nominativo, hace la se, bonus, bona, bonum, Deus sanctus, este ne oratis latinas? Etiam, sim. Quare et por*

que? Quia substantivum, et adjectivum, concordat in generi, numerum et casus.

GERONTE — Ah. Que pena eu não ter estudado.

JACQUELINE — Isto é que é um homem sabido.

LUCAS — Tão sabido que eu não entendo nada.

SCANARELO — Ora, esses vapores de que faço, vindo a passar do lado esquerdo, onde está o fígado, para o lado direito, onde está o coração, resulta que o pulmão, que em latim chamamos "armyan", tendo comunicações com o cérebro que, em grego, chamamos "nasmus", por meio da veia cava, que em hebreu, chamamos "cubile" encontra no caminho com os ditos vapores que enchem os ventríloquos do omoníata... Compreenda bem este raciocínio, faça favor.

GERONTE — Sim.

SCANARELO — E como os sobreditos vapores têm certa malignidade... Ouça bem isso.

GERONTE — Estou seguindo.

SCANARELO — Tem uma certa malignidade, que é causada... Atenção, faça favor, atenção.

GERONTE — Estou atento.

SCANARELO — Tem uma malignidade que é causada... que é causada... pela acides dos humores engendrados na concavidade do diafragma, sucedendo que esses vapores... Casabundus, nequeis, nequer, potarium, quipaa milas... É essa e não outra a razão pela qual sua filha está muda.

JACQUELINE — Ah! Como fala bem.

LUCAS — Ah! Quem me dera falar tão bem assim.

GERONTE — Não é possível raciocinar-se melhor, isso não. Uma coisa porém, me deixou confuso: a situação respectiva do fígado e do coração. O senhor meteu-os em lugares trocados, porque o coração está do lado esquerdo e o fígado do lado direito.

SCANARELO — Ah! Isto era antigamente. Agora não. Nós mudamos tudo. A medicina de hoje é muito diferente da antiga.

GERONTE — Isso, eu não sabia e peço-lhe que desculpe a minha ignorância.

SCANARELO — O senhor não tem obrigação de saber tanto quanto nós.

GERONTE — É verdade... Mas, diga-me, o que lhe parece que se pode fazer à doente?

SCANARELO — O que se pode fazer?

GERONTE — Sim.

SCANARELO — Sou de opinião que a levem já para a cama e que, para remédio, lhe deem uma papa de vinho e pão.

GERONTE — Por que, senhor?

SCANARELO — Porque no vinho e no pão, quando bem misturados, existe uma virtude simpática, que faz falar. Não sabe então o senhor que é isso que se dá aos papagaios para ensiná-los a falar?

GERONTE — É mesmo. Ah! Que grande homem. Depressa, Papa de pão e vinho.

SCANARELO — Voltarei à noite para verificar seu estado. (à ama) Espere aí. (a Geronte) Senhor, é preciso que a ama fique. Devo recetar-lhe alguma remédios.

JACQUELINE — Para mim? Mas eu estou-me sentindo muito bem.

SCANARELO — Tanto pior, ama, tanto pior. Muita saúde dá para desconfiar. Uma sangriazinha não lhe faria mal. Ou talvez um clisterzinho?

GERONTE — Está aí um tratamento que não entendo. Por que fazee uma sangria se não há doença?

SCANARELO — Não faz mal. O remédio é salutar. Assim como se beba por uma sede que ainda vem, sangra-se por uma doença que não se tem.

JACQUELINE — Ceus. Não estou aqui para isso. Não quero virar casa de boticário. (Vai saindo, levando Lucinda. Sai Lucas, também e Valério).

SCANARELO — Ela resiste nos remédios. Mas saberemos submetê-la à razão. Senhor, passe bem.

GERONTE — Espere um pouco, faça o favor.

SCANARELO — Que quer ainda o senhor?

GERONTE — Pagar-lhe... Dar o dinheiro que o senhor merece...

SCANARELO — (Com a mão estendida de trás das costas, enquanto Geronte está abrindo a bolsa) Não, não posso receber.

GERONTE — Senhor...

SCANARELO — Não. Não.

GERONTE — Um momento.

SCANARELO — De maneira alguma.

GERONTE — Ah! Desculpe-me, mas...

SCANARELO — De modo nenhum.

GERONTE — (Dando-lhe o dinheiro) Por favor...

SCANARELO — Está brincando...

GERONTE — Só essas moedas. Depois lhe darei mais.

SCANARELO — Não.

GERONTE — Aceite.

SCANARELO — Não é o interesse que me move.

GERONTE — Sei disso. Mas, tome... tome...

SCANARELO — Enfim, para o senhor não pensar que estou fazendo uma desfeita, vá lá (recebe o dinheiro).

GERONTE — Isto. É assim que se procede.

SCANARELO — Eu não sou um médico mercenário.

GERONTE — Sei disso.

SCANARELO — O interesse não orienta os meus atos.

GERONTE — Longe do meu pensamento (ao fundo aparece Leandro, que aguarda a saída de Geronte, para falar com Scanarello) (Sai Geronte).

SCANARELO — A coisa não é de todo mal. Afinal de contas... Entram Leandro e Scanarello.

LEANDRO — Meu senhor, há muito tempo que estou à sua espreita. Venho implorar-lhe o seu auxílio.

SCANARELO — (Tomando-lhe o pulso) Pulso mau, muito mau.

LEANDRO — Não estou doente, senhor, e não é por isso que o incomodo.

SCANARELO — Se o senhor não está doente, para que me quer então?

LEANDRO — Em duas palavras, lhe direi o que desejo. Sou Leandro o namorado de Lucinda, que o senhor acaba de ver. Por causa do gênio mau do pai, não posso, por mais força que faça chegar a falar com ela.

SCANARELO — Que adianta o senhor falar com ela? Ela não fala...

LEANDRO — Espere, meu senhor. Deixe-me explicar. Eu queria que o senhor me auxiliasse, proporcionando-me a ocasião de executar um estratagemata pelo qual poderei dizer a ela duas palavras. Disto dependem a minha felicidade e a minha vida.

SGANARELO — Por quem é que o senhor me está tomando? Que atrevimento. Ousa dirigir-se a mim para auxiliá-lo no seu amor. Ora essa. Rebaixar minha dignidade de médico a funções de tal natureza? Era só o que faltava...

LEANDRO — Cale-se, senhor. Não faça barulho.

SGANARELO — Faça, se quiser. O senhor é um atrevido.

LEANDRO — Mais devagar, senhor.

SGANARELO — Que audácia.

LEANDRO — Tenha paciência.

SGANARELO — Eu lhe ensinarei que não sou homem que se deixe rebaixar e que é uma extrema insolência...

LEANDRO — Senhor... (puxa uma bolsa).

SGANARELO — Quer me corromper? (recebendo a bolsa) Eu não digo tudo isso pelo senhor. Afinal de contas... o senhor me parece um bom rapaz. Mas é que neste mundo há muitos impertinentes que tomam a gente pelo que não é. E eu não gosto disso.

LEANDRO — Peço-lhe desculpa da liberdade que tomei.

SGANARELO — Já não está mais aqui quem falou. E então, o que deseja?

LEANDRO — O senhor está enganado em tudo que se passa aqui.

SGANARELO — Enganado?

LEANDRO — Sim senhor. A doença de Lucinda é uma doença fingi-

da. Todos os médicos que aqui vieram discutiram a valer por causa dela. Uns diziam que a doença procedia do cérebro. Outros, do ligado; outros do baço, das entranhas. O certo é que o amor é a causa única de tudo e que Lucinda fingiu a enfermidade para livrar-se de um casamento que a importunava (*espiando para ver se se aproxima alguém*) Tenho receio que chegue alguém. Vamos sair daqui. Pelo caminho lhe direi o que desejo.

SGANARELO — Vamos senhor. Simpatizo com o seu caso. Hei-de empregar toda a minha medicina em seu favor, e a doente será sua ou ficará muda de verdade.

Fim do segundo ato.

TERCEIRO ATO

(Um lugar qualquer vizinho à casa de Geronte)

LEANDRO E SGANARELO

LEANDRO — Que diz o senhor? Acho que, para boticário, não estou nada mal. O pai dela não me conhece muito bem e parece-me que estas roupas e esta cabeleira bastam para me disfarçar.

SGANARELO — De acordo.

LEANDRO — Eu precisava conhecer o palavreiro da medicina para meter na conversa e dar-lhe ares importantes.

SGANARELO — Para que? Não é preciso. Basta essa indumentária. Isso já convence. Olhe que o senhor não sabe menos do que eu, nem eu mais que o senhor...

LEANDRO — Deixe de modéstia. O senhor é um grande médico.

Quem me dera saber o que o senhor sabe...

SGANARELO — É o que pensam. De medicina não entendo patavina.

LEANDRO — Como? O senhor não é médico?

SGANARELO — Quali! Fizeram-me médico à força.

LEANDRO — A força?

SGANARELO — Nunca, na minha vida, pretendi ser médico, e nos estudos, nunca fui além das primeiras letras. Mas quando vi que eles queriam mesmo que eu fosse médico de qualquer maneira, então não conversei (*fanfarrão*) resolvi ser doutor... Formado a pancadaria. Ora, o senhor sabe que esse negócio de medicina é uma questão de mais sorte ou menos sorte... eu tive sorte. Acertei de banburrão com um ou dois casos considerados perdidos e a fama correu por tudo isso aí...

E, se a coisa continua assim, agarro-me de uma vez a medicina e encho-me... (*gesto de dinheiro*)... Porque a medicina é o melhor de todos os ofícios: quer se mate ou se cure o dinheiro vem sempre. A obra mal feita nunca é censurada. Faz o que se entende e ninguém se atreve a dizer nada. Um sapateiro se talhar mal os sapatos tem que pagar o couro. Nós damos cabo da vida de qualquer mortal, sem que nos digam palavras, e ainda nos pagam por cima. Se matamos a asneira nunca é nossa, é sempre de quem morre. E o senhor já observou a delicadeza, a discreção e o cavalheirismo dos defuntos? Não há um só que se queixe dos médicos que o mataram.

LEANDRO — A verdade é que os mortos são gente muito calada.

SGANARELO — Ai vem uns sujeitos que têm cara de clientes... Vá

esperar-lhes à porta de casa. (Sal Leandro).

THIBAUT, PERRIM E SGANARELO

THIBAUT — Meu senhor, eu e meu filho Perrim, estamos à sua procura há uma hora.

SGANARELO — A minha procura, para que?

THIBAUT — É a mãe dele, a minha mulher, parece, que há seis meses está deitada em cima de um enchergão...

SGANARELO — É que quer o senhor que eu faça?

THIBAUT — Ele está toda inchada, Doutor. Dizem que ela tem cerebrições no corpo, que o fígado, o ventre e o baço, em vez de fazer sangue, fazem água. Dia sim, dia não tem febre com canceiras e dores nas barrigas das pernas... As vezes a gente houve na garganta dela umas ansias que quase a asfixiam e, outras vezes, tem umas sim-copes e convulsões que parece que ela vai desta para melhor... Já consultamos um mundo de médicos e nenhum deu volta na minha pobre Janete. Procuramos por fim o farmacêutico da nossa aldeia que aconselhou-nos procurar o senhor.

SGANARELO — (desconfiado?) Ah...

THIBAUT — Disse-nos que o senhor é o melhor médico das redondezas.

SGANARELO — (triste) Ah. Ainda bem. É, depois?

THIBAUT — Depois viemos logo procurar o senhor.

SGANARELO — Não fizeram mal.

THIBAUT — Já fizemos parrete, engoli toda a minha de remédios. Mas ela não arreda o pé da cama.

SGANARELO — Assim mesmo, sem roupa de médico?

VALÉRIO — Nós lhe arranjaremos uma.

SGANARELO — (dando sua garrafa a Valério) Segure. É nisso aí que guardo as minhas milagrosas poções medicinais. (Virando-se para Lucas, cospe no chão). Você aí, pise em cima. Ordem do médico.

LUCAS — Está aí um médico que me agrada. Acho que vai aceitar.

Fim do primeiro ato

SEGUNDO ATO

*Geronte, Valério, Lucas e
Jacqueline*

VALÉRIO — Sim, o senhor vai ficar satisfeito: trazemos-lhe o maior médico do mundo.

LUCAS — Nenhum outro lhe chega aos pés.

VALÉRIO — É um homem que tem feito curas maravilhosas.

LUCAS — Já curou até defuntos que já estavam mortos.

VALÉRIO — Ele é um pouco teimoso, como já lhe disse. Quando empaca, é difícil fazê-lo voltar atrás, e não parece o que na realidade é...

LUCAS — Lá isso é. É teimoso e gosta de bancar o bufão. As vezes, parece até maluco.

VALÉRIO — Mas é um poço de sabedoria e, frequentemente, diz coisas muito profundas.

LUCAS — Quando dá para falar, fala tão bem que parece estar lendo um livro.

VALÉRIO — A fama dele já correu por aí: toda gente vem procurá-lo...

MESMA CENA DO 2º ATO

Segundo Quadro

Jacqueline e Sganarello: Lucas, escondido no fundo da cena.

SGANARELO — Ando de sorte. Ai vem a ama. (A Jacqueline que entra) Oh. Ama do meu coração. Ditosos os meus olhos que a vêm. Vê-la é para mim uma dose de rubarbo e de senna que purga toda a melancolia de minha alma. (Abraça-a) Venha a mim, querida ama...

JACQUELINE — Upa, doutor, que o sr. é apreendido. R. diz umas coisas que a gente não entende...

SGANARELO — Que pena me faz, ama de minha alma, vê-la ligada a um homem cumento e rubugento, como seu marido.

JACQUELINE — Que quer, doutor? A cabra é obrigada a pastar onde a prendem. É para castigo dos meus pecados.

SGANARELO — Um bruto, o seu marido. Um homem que lhe está sempre vigiando, que não deixa que ninguém lhe fale...

JACQUELINE — O sr. ainda não viu nada, aquilo é só uma amostra do seu mau gênio.

SGANARELO — Será possível que um homem tenha tão baixo caráter? Maltratar uma criatura como você... Ah. Ama. Quantos não seriam ditosos em poder beijar ao menos a pontinha dos seus pezinhos. Uma criatura tão mimosa cair nas mãos dum bruto assim. Um bruto, um valerma, um estúpido... Desculpe, ama, se falo assim do seu marido...

JACQUELINE — Sei que ela bem merece todos esses nomes.

SGANARELO — Claro que ele merece. Merecia também que lhe pusesse qualquer coisa na testa, para castigo de suas suspeitas.

JACQUELINE — A verdade, doutor, é que se eu não fosse quem eu sou, já teriam cometido uma asneira...

SGANARELO — Acredite, Jacqueline. Deve vingar-se dele com alguém. É um sujeito que bem merece. Vingue-se dele com alguém, Jacqueline, e que esse alguém seja eu. *(Vai abraçá-la, Lucas entra e passa a cabeça por debaixo, interpondo-se entre os dois. Sganarelo e Jacqueline, num misto de surpresa e desapontamento, olham para ele e saem, cada qual por seu lado, mas o médico, de mansera muito engraçada). Entra Geronte.*

GERONTE — Ojá, Lucas! Não viu por aí o nosso médico?

LUCAS — Com todos os diabos. Eu o vi, sim. É minha mulher também...

GERONTE — E onde está ele?

LUCAS — Não sei. É pouco se me dá.

GERONTE — Vá ver onde está minha filha e o que está fazendo. *Entram Sganarelo e Leandro.*

GERONTE — Ah, Doutor, eu estava à sua procura. *(Olhando para Leandro)* Quem é esse homem?

SGANARELO — Como vai a doente?

GERONTE — Um pouco pior, depois que tomou o seu remédio.

SGANARELO — Ótimo. É sinal de que está fazendo efeito.

GERONTE — Sim mas receio que o remédio ao fazer efeito, ela...

SGANARELO — Não se preocupe; tenho remédios que zombam de tudo e mesmo quando ela estiver agonizante...

GERONTE — Mas quem é esse homem?

SGANARELO — É... *(atrapalhado).*

GERONTE — Quem?

SGANARELO — Aquele...

GERONTE — Heita?

SGANARELO — Que...

GERONTE — Continue.

SGANARELO — A sua filha há de precisar dele. *(Entram Lucinda e Jacqueline).*

JACQUELINE — A menina quer andar um bocadinho, patrão.

SGANARELO — Isso lhe fará bem. Vá tomar-lhe o pulso, sr. farmacêutico, para ver se concordamos com o tratamento. *(Levando Geronte para um canto e passando-lhe por cima dos ombros para não lhe deixar voltar a cara para o lado em que estão Leandro e Lucinda)* Pois é isto, sr. Geronte. Entre os doutores, há muito tempo se debate o caso de saber se as mulheres são ou não mais fáceis de curar que os homens. Uns dizem que não, outros dizem que sim; e eu digo que sim e que não... E digo que sim e que não, porque a incongruidade dos humores opacos, que se encontram no temperamento natural das mulheres sendo causa da parte brutal quer sempre tomar império sobre a sensitiva, vê-se a desigualdade das suas e opiniões depende do movimento obliquo da lua, e, como o sol, que dardeja os seus raios na concavidade da terra, acha...

LUCINDA — *(A Leandro)* Não, eu seria incapaz de mudar de sentimentos.

GERONTE — Minha filha falando. Oh, Grande virtude do remédio. Oh, Médico admirável. Que quer por esta cura milagrosa?

SGANARELO — *(Abanando-se com o chapéu e passeando pela cena)* Ai está uma doença que me deu trabalho.

LUCINDA — Sim, meu pai, recuperei a fala; mas, recuperei-a para dizer-lhe que nunca hei de ter outro marido que não seja Leandro e que é inútil pretender dar-me a Horácio.

GERONTE — Mas...

LUCINDA — Nada pode demover-me da resolução que tomei.

GERONTE — Como?

LUCINDA — Tudo quanto me diga será inútil...

GERONTE — Mas, minha filha...

LUCINDA — É coisa decidida.

GERONTE — Espere...

LUCINDA — Não há poder paterno que me possa obrigar a casar contra a vontade.

GERONTE — Eu posso...

LUCINDA — Por mais que eu faça, o sr. nada conseguirá.

GERONTE — Mas o Horácio...

LUCINDA — Meu coração nunca se submeteria a tal tirania.

GERONTE — Minha...

LUCINDA — Mais depressa me meterei num convento do que casar com um homem de quem não gosto.

GERONTE — Escute...

LUCINDA — Não escuto nada, de modo nenhum. Nunca. Perde o tempo. Nunca e nunca. Está decidido.

GERONTE — Que torrente de palavras. Não há quem lhe possa re-

sistir. (A Sganarello) Faça o favor de pô-la muda outra vez.

SGANARELO — Isso é impossível. O que posso, para lhe fazer favor, é torná-lo surdo, se quiser.

GERONTE — Muito obrigado.

LUCINDA — Deixe-se de razões, sr. meu pai. Não ganhará nada com isso.

GERONTE — Pois há de desposar Horácio, e há de ser esta noite mesmo.

LUCINDA — Antes casarei com a morte.

SGANARELO — (A Geronte) Alto lá. Faça o favor. Deixe-me falar. É preciso medicamentar esta questão... É uma doença que faz falar assim e eu conheço o remédio...

GERONTE — Será que o sr. pode curar até as doenças de espírito?

SGANARELO — Deixe-me agir. Eu tenho remédio para tudo. O nosso boticário vai ajudar-nos na cura (a Leandro), ouça aqui uma palavra. Como vê, a paixão que ela tem pelo tal Leandro é inteiramente contrária à vontade do pai. E também vê que não há tempo a perder. Os humores estão muito azedos e é preciso dar pronto remédio ao mal, porque qualquer demora pode ser fatal. Eu, para mim, só vejo um remédio, que é uma dose de "fuga-purgativa" misturada com seis gramas de "matrimonium" em pilulas... O sr. é hábil no seu officio. Faça-lhe engulir a porção de qualquer maneira. Antes, porém, dê umas voltas com ela no jardim. Isto aqui está muito abafado e é preciso que lhe prepare os humores antes dela tomar o remédio específico. Vá, eu ficarei a conversar com o sr. Geronte (saem Leandro e Lucinda).

GERONTE — Que drogas são essas que acaba de mencionar? Parece-me que nunca ouvi falar delas.

SGANARELO — São drogas que só servem nos casos graves e urgentes.

GERONTE — O sr. já viu uma insolência igual à de minha filha?

SGANARELO — É próprio da idade. As moças, nessa idade, são sempre, muito teimosas.

GERONTE — O senhor não pode imaginar como anda agitada por causa do tal Leandro.

SGANARELO — É natural. É o calor do sangue.

GERONTE — Desde o dia em que descobrira a violência desse amor, tomei todas as precauções para que não se pudessem comunicar.

SGANARELO — Agiu com sabedoria, sr. Geronte.

GERONTE — Se deixasse os dois um instante juntos, acabariam por fazer uma asneira... E ela era moça de fugir com ele...

SGANARELO — Raciocínio prudente.

GERONTE — Mas está perdendo seu tempo.

SGANARELO — Hum...

GERONTE — E hei de impedir que a veja.

SGANARELO — Ele não está tratando com nenhum tolo. O sr. tem muito mais manda do que ele. Para ser mais fino do que o sr. é preciso não ser nenhum burro.

ENTRA LUCAS

LUCAS — Senhor... Senhor... D. Lucinda fugiu com o seu Leandro. O boticário... era ele. E foi tudo obra desse doutor de meia tijela.

GERONTE — O que? Enganar-me assim? Depressa, chamem o juiz. Não o deixe sair, Lucas. Ah, traidor! A justiça vai te castigar.

LUCAS — Ah, seu doutor. Desta, o sr. não se salva. Será enforcado (Sganarello faz um movimento). Não se mexa daí.

ENTRA MARTINHA

MARTINHA — Ah, meu Deus. Que dificuldade para encontrar esta casa. Que noticias me dá o médico que lhe receitou?

LUCAS — Ali está ele, e vai ser enforcado.

MARTINHA — O quê? Meu marido, enforcado. Ah. Mas o que fez ele?

LUCAS — Ajudou a roubar a filha do nosso patrão.

MARTINHA — Oh. Meu maridoinho. Será verdade que vão enforcá-lo?

SGANARELO — Pois é, ah.

MARTINHA — E você vai se delixar morrer assim, no meio na presença, na frente, de tanta gente?

SGANARELO — O que é que você quer que eu faça?

MARTINHA — Se, pelo menos, você tivesse acabado de rachar a nossa lenha, já seria um consolo.

SGANARELO — Sai daí, você me faz chorar.

MARTINHA — Não. Ficarei aqui para te dar coragem na hora da morte e não arredarei pé enquanto não te ver enforcado.

SGANARELO — Ah!

GERONTE — O juiz não demora, e você será posto em lugar seguro.

GERONTE — O que? Enganar-me assim? Depressa, chamem o juiz. Não o deixe sair, Lucas. Ah, traidor! A justiça vai te castigar.

LUCAS — Ah, seu doutor. Desta, o sr. não se salva. Será enforcado (*Sganarelo faz um movimento*). Não se mexa daí.

ENTRA MARTINHA

MARTINHA — Ah, meu Deus. Que dificuldade para encontrar esta casa. Que notícias me dá o médico que lhe receitei?

LUCAS — Ali está ele, e vai ser enforcado.

MARTINHA — O quê? Meu marido, enforcado. Ah. Mas o que fez ele?

LUCAS — Ajudou a roubar a filha do nosso patrão.

MARTINHA — Oh. Meu maridinho. Será verdade que vão enforcá-lo?

SGANARELO — Pois é, ah.

MARTINHA — E você vai se deixar morrer assim, no meio da presença, na frente, de tanta gente?

SGANARELO — O que é que você quer que eu faça?

MARTINHA — Se, pelo menos, você tivesse acabado de rachar a nossa lenha, já seria um consolo.

SGANARELO — Sai daí, você me faz chorar.

MARTINHA — Não. Ficarei aqui para te dar coragem na hora da morte e não arredarei pé enquanto não te ver enforcado.

SGANARELO — Ah!

GERONTE — O juiz não demora, e você será posto em lugar seguro.

SQANARELO — (de joelhos, o chapéu na mão) Ah. Não se pode trocar isso por algumas pauladas?

GERONTE — Não e não. O caso irá para a justiça. Mas o que é isso?

LEANDRO — Senhor Geronte, venho apresentar-me e trazer Lucinda ao seu poder. Tínhamos a intenção de fugir juntos e casar-mos em outra parte. Essa intenção cedeu lugar, porém, a um procedimento mais honroso. Não lhe pretendo roubar sua filha. É da sua mão que desejo recebê-la. Acabam de chegar as minhas mãos cartas que me dão conta da morte de meu tio, que me deixa herdeiro de todos os seus bens.

GERONTE — Senhor, suas qualidades me parecem consideráveis e por isso, concedo-lhe a mão de minha filha com muito gosto.

SQANARELO — É a medicina escapou de bom. (A parte)

MARTINHA — Já que não vale mais ser enforcado, faz o favor de me agradecer por ser médico. Foi eu que te proporcionei essa honra.

SQANARELO — Sim. Por tua causa levei algumas boas pauladas.

LEANDRO — Atendendo aos bons resultados, ponha de lado todos os ressentimentos, sr. Sganarelo.

SQANARELO — Está bem. Considerando a dignidade a que me elevaste, perdô-te as pauladas; mas, de agora em diante, prepara-te para viver com muito respeito por um homem como eu e saiba que a cólera de um médico é mais para recetar do que se possa imaginar.

Fim